



Em memória de Eva Perón, a mais adorada primeira-dama da Argentina

enquanto os pedidos de habilitação aguardam resposta.

### Mapa imaginário

A maior parte dos espaços alternativos encontra-se no bairro conhecido como “El Abasto”, mas, diz Carlos Pacheco, “em qualquer bairro, num pequeno espaço, podem-se encontrar propostas que comovem e têm sempre público”. Um dos temas recorrentes nestes espaços é o da família disfuncional, que explodiu com o grande sucesso de *La Omisión de La Familia Coleman*, estreada na sala Timbre 4 em 2005 e que tem corrido festivais e salas de todo o mundo (apresentou-se no CCB, em Lisboa, em 2009). “Timbre 4” quer dizer “toque à campainha 4” - o número da última casa do corredor de uma típica “casa *chorizo*” de Buenos Aires, parecida à primeira vista com a correnteza de casas de uma ilha do Porto. Timbre 4 começou por ser apenas a casa do encenador Claudio Tolcachir, onde ele dava aulas de interpretação, para logo se tornar num teatro. Para se chegar ao local é preciso passar primeiro em frente à casa dos vizinhos, e depois por uma das divisões da casa, como se o espectador estivesse realmente a entrar no lar da família Coleman. A cenografia era constituída pelo mobiliário da própria casa. Quando estão em digressão, limitam-se a pedir um sofá velho, uma cómoda antiga, e já está. Em 2010, Claudio Tolcachir adquiriu um espaço no outro lado do mesmo quarteirão, uma antiga fábrica de cadeiras, contígua com o Timbre 4 pelas traseiras.

No bairro de Palermo, é imperdível a ida ao Sportivo Teatral, o local de trabalho de Ricardo Bartís, talvez o mestre mais admirado pelos artistas jovens. Ali, assistem-se aos espectáculos, mas também a uma das aulas abertas que se realizam todas as segundas-feiras e têm entrada livre. O Sportivo é uma das incubadoras de novos criadores em Buenos Aires.

Ainda nesse bairro, Fuga Cabrera, na Rua Cabrera, é outro espaço caseiro, na prática uma sala atrás da morada de Daniel Veronese, actor-encenador-dramaturgo, que foi usada para ensaiar durante todos estes anos e que desde 2008 serve também como teatro. Veronese apresenta regularmente os seus trabalhos um pouco por toda a cidade, mas em particular no Camarín de Las Musas, no Abasto, um dos lugares mais emblemáticos deste movimento. Fundado no fim de 2001, no pico da desvalorização do peso argentino e do fecho das contas bancárias, o movimento começou com aulas de teatro e dança e estreou a primeira peça passados três meses. E assim aprenderam que “as crises de economia e de ideais tonificam e dão sentido a lugares como El Camarín”. É um exemplo típico destes espaços que são teatros à noite e escolas de dia, além de restaurante, café e bar. El Camarín tem um restaurante charmoso, com degustações e provas de vinhos, de chão ladrilhado e ementa escrita a giz nos quadros negros por trás do balcão. Chegando à casa, não se adivinha o luminoso terraço nas traseiras, nem o par de salas de aulas e ensaios, outras duas

de espectáculos e uma quinta para conferências e projecções. Em cartaz estão oito peças, uma à quinta, quatro à sexta e sábado, três no domingo.

Já no Beckett Teatro, com apenas uma sala para pouco menos de cem pessoas, está em cena *Todo*, de Rafael Spregelburd, resultado de uma encomenda da companhia berlinense Schaubühne. A sala de espectáculos é a típica caixa preta, em forma de quadrado. Há uma segunda sala na cave, para ensaios, aulas ou projectos especiais. Na esquina dessa rua, dois restaurante-bar. A meia dúzia de passos, outro teatro, mais um bar, de novo um teatro, e por aí fora. O Beckett Teatro foi criado pelo actor e encenador Miguel Guerberof para apresentar as suas obras e abriu as portas em meados de 2005, precisamente com uma peça do autor irlandês, *Acto sem Palavras*. A sala combina a apresentação de artistas reputados com o apoio à produção de primeiras obras.

No La Carpintería criadores conhecidos alternam com artistas novos. Em cartaz tem normalmente cinco espectáculos, entre os quais *Mi Vida Después*, de Lola Arias, estreado em 2009, um dos maiores sucessos de público e crítica do teatro *off porteño*. Construído a partir das histórias de vida de cada um dos actores, *Mi Vida Después* faz parte de uma corrente de espectáculos que cruzam dados biográficos e criação teatral, o chamado “biodrama”. Neste caso, trata-se de uma maneira de falar do país, escapando à alegoria, através de testemunhos pessoais, que resultam numa grande

### As dramaturgias, sejam elas naturalistas, documentais ou alegóricas, cumprem sempre a função de interpelar o espectador

teatralidade. O ponto de partida são as histórias de um grupo de actores nascidos entre os anos 70 e 80, cuja memória da ditadura é normalmente indirecta, e cuja condição retrata a relação ambígua das gerações mais novas com esse passado.

Saindo do Bairro de Abasto e descendo a Avenida Corrientes até chegar ao grande obelisco comemorativo da fundação da cidade, está o Teatro del Pueblo. É uma entrada discreta, que dá para uma escada em caracol a meio da qual se encontra a bilheteira. Os bilhetes estão enroladinhos, espetados numa placa de madeira que representa a plateia, com um pequeno orifício para cada cadeira. Este é o sistema de reservas tradicional de Buenos Aires. Descendo mais uns degraus chegamos à histórica sala, com pouco mais de cem lugares. Em cartaz estão sete espectáculos, entre eles *Ala de Criados*, uma alegoria sobre a Argentina que vai na terceira temporada com mais de 300 actuações e 30 mil espectadores. A peça foi escrita e dirigida por Mauricio Kartun, um dos mestres da actual geração de dramaturgos. O espectáculo é uma reflexão sobre a nação e a História argentinas,

a partir do relato dos distúrbios sociais na Buenos Aires de 1919. Em Buenos Aires, as dramaturgias, sejam elas naturalistas, documentais ou alegóricas, cumprem sempre a função de interpelar o espectador. O teatro independente que se faz hoje é herdeiro da primeira tentativa de se fazer teatro modernista - precisamente no Teatro del Pueblo. E este teve o seu apogeu entre 1937 e 1943, com o apelo à escrita de peças originais argentinas. Depois de encerrado durante algum tempo, o Teatro del Pueblo reabriu, em 1996, pelas mãos de dramaturgos como Roberto Tito Cossa e Roberto Perinelli, outrora ligados ao movimento que, no final dos anos 70, em plena ditadura, se organizou enquanto Teatro Abierto.

Para os artistas, o teatro é mais um processo de aprendizagem do que uma carreira profissional. Sobretudo, serve um propósito cultural. “Uma companhia independente não produz mercadorias, porque não é uma fábrica, mas produz algo muito importante: sentido”, afirmava em 2007 o dramaturgo Spregelburd ao *site* brasileiro *Digestivo Cultural*. Os teatros periféricos ocupam o lugar da reflexão, da surpresa e da auto-expressão que os outros teatros não têm - respondendo à necessidade de compreender o mundo e de reconhecer outras maneiras de o ver. E, em tempo de crise, o teatro prospera.

\* Todos os espectáculos referidos no texto estavam em cartaz, quando da viagem do crítico a Buenos Aires, no ano passado